



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES - FALLA  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS ESPANHOL**

**MARIA ALICE AMORIM FLOR**

**OS TRABALHOS DA MEMÓRIA NAS LITERATURAS LATINO-AMERICANAS DA  
PÓS-DITADURA: UMA ANÁLISE DO BRASIL E DO CHILE**

**CAMPINA GRANDE  
2024**

MARIA ALICE AMORIM FLOR

**OS TRABALHOS DA MEMÓRIA NAS LITERATURAS LATINO-AMERICANAS DA  
PÓS-DITADURA: UMA ANÁLISE DO BRASIL E DO CHILE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Faculdade de Linguística, Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Espanhol.

**Área de concentração:** Literatura Latino-americana.

**Orientadora:** Profa. Dra. Thays Keylla de Albuquerque.

**Coorientadora:** Profa. Dra. Gilda Carneiro Neves Ribeiro.

**CAMPINA GRANDE  
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F632t Flor, Maria Alice Amorim.  
Os trabalhos da memória nas literaturas latino-americanas da pós-ditadura: uma análise do Brasil e do Chile [manuscrito] / Maria Alice Amorim Flor. - 2024.  
36 f.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras espanhol) - Universidade Estadual da Paraíba, Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.  
"Orientação : Prof. Dra. Thays Keylla de Albuquerque, Coordenação do Curso de Letras Espanhol - FALLA".  
1. Análise literária. 2. Ditadura militar. 3. Memória. I. Título  
21. ed. CDD 801.95



MARIA ALICE AMORIM FLOR

**OS TRABALHOS DA MEMÓRIA NAS LITERATURAS LATINO-AMERICANAS DA PÓS-DITADURA: UMA ANÁLISE DO BRASIL E DO CHILE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Faculdade de Linguística, Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Espanhol.

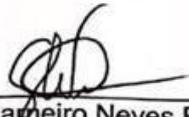
Área de concentração: Literatura Latino-americana.

Aprovada em: 29/11/2024.

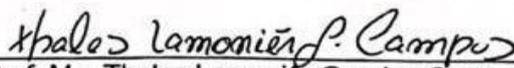
**BANCA EXAMINADORA**



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Thays Keylla de Albuquerque (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Gilda Carneiro Neves Ribeiro (Coorientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



\_\_\_\_\_  
Prof. Me. Thales Lamoniér Guedes Campos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe Glorivania e minha filha de  
quatro patas Estrela, DEDICO.

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	LITERATURA, DITADURA E MEMÓRIA .....	7
3	DITADURA BRASILEIRA.....	11
4	K. RELATO DE UMA BUSCA DE BERNARDO KUCINSKI.....	13
5	DITADURA CHILENA.....	18
6	LOS DÍAS DEL ARCOÍRIS DE ANTONIO SKÁRMETA.....	20
7	UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS.....	25
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30



## OS TRABALHOS DA MEMÓRIA NAS LITERATURAS LATINO-AMERICANAS DA PÓS-DITADURA: UMA ANÁLISE DO BRASIL E DO CHILE

Maria Alice Amorim Flor<sup>1</sup>

### RESUMO

Décadas após o fim das ditaduras do Brasil e do Chile, as literaturas começam a apresentar uma grande luta entre recordar e esquecer. Os períodos ditatoriais deixaram marcas profundas nas pessoas, sobretudo, por conta da censura, da repressão, das torturas, dos desaparecimentos e mortes. Nesse cenário a literatura pós-ditatorial emerge como resposta a esses traumas. Neste trabalho, analisaremos as obras *K. Relato de uma Busca* (2011) de Bernardo Kucinski e *Los Días del Arcoíris* (2011) de Antonio Skármeta, que possuem um papel crucial para a preservação da memória como forma de resistência de um passado que não passou. Este artigo é uma pesquisa bibliográfica e temos como objetivo analisar o papel da literatura na salvaguarda da memória individual e coletiva, pesquisando os pontos semelhantes e divergentes das duas obras literárias de contextos nacionais específicos, Brasil e Chile. Exploramos, também, como os eventos traumáticos passados podem interferir nas vidas das pessoas até os dias de hoje. Fundamentados nos estudos de Elizabeth Jelin (2002) e Tzvetan Todorov (2013), percebemos que fazer um trabalho de memória sobre um evento traumático não é tão simples, carrega-se um grande peso ao retomar sentimentos como a tristeza e a perda, mas é essencial para uma recordação ética e de respeito aos direitos humanos e civis.

**Palavras-Chave:** memória pós-ditatorial; traumas individuais e coletivos; literatura e ditadura.

### RESUMEN

Décadas después del fin de las dictaduras en Brasil y Chile, la literatura comienza a presentar una gran lucha entre el recuerdo y el olvido. Los períodos de dictadura dejaron profundas huellas en las personas, principalmente por la censura, la represión, la tortura, las desapariciones y las muertes. En este escenario, la literatura de la postdictadura surge como respuesta a estos traumas. En este trabajo analizaremos las obras *K. Relato de una Busca* (2011) de Bernardo Kucinski y *Los Días del Arcoiris* (2011) de Antonio Skármeta, que poseen un papel crucial en la preservación de la memoria y como forma de resistencia a un pasado que no pasa. Este artículo es una investigación bibliográfica y tiene como objetivo analizar el papel de la literatura en la salvaguardia de la memoria individual y colectiva, investigando los puntos similares y divergentes de las dos obras literarias de contextos nacionales específicos, Brasil y Chile. También exploramos cómo eventos traumáticos del pasado

---

<sup>1</sup> Maria Alice Amorim Flor, formanda do curso de Letras Espanhol pela UEPB, aliceflor39@gmail.com.br

pueden interferir con la vida de las personas hasta el día de hoy. Con base en los estudios de Elizabeth Jelin (2002) y Tzvetan Todorov (2013), nos damos cuenta de que hacer un trabajo de memoria sobre un evento traumático no es tan sencillo, conlleva un gran peso a la hora de volver a sentimientos como la tristeza y la pérdida, pero sí es esencial para la memoria ética y el respeto de los derechos humanos y civiles.

**Palabras-Clave:** memoria de la postdictadura; traumas individuales y colectivos; literatura y dictadura.

## 1 INTRODUÇÃO

O tema escolhido para este artigo teve como inspiração um trabalho desenvolvido no Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) cota 2021-2022, intitulado “RASTROS INTERDISCURSIVOS EM TORNO DE DESAPARECIDOS PELA DITADURA MILITAR NO BRASIL (1964-1985), NO ROMANCE *K. RELATO DE UMA BUSCA*, DE BERNARDO KUCINSKI”, a pesquisa foi baseada na análise da censura, repressão e luto no livro mencionado. Entretanto, vimos a necessidade de expandir esse estudo, dedicado somente à literatura brasileira, para um país vizinho que também passou por um regime ditatorial, o Chile.

Completando nesse ano de 2024 os 60 anos do início da ditadura cívico-militar brasileira (1964-1985), e no ano de 2023 os 50 anos do golpe chileno (1973-1990), os debates e lembranças sobre esses acontecimentos voltam a ter seu foco. Nesse artigo intitulado como “Os trabalhos da memória nas literaturas latino-americanas da pós-ditadura: uma análise do Brasil e do Chile”, temos o objetivo de analisar como os autores escolhidos, Bernardo Kucinski e Antonio Skármeta, exploram as memórias traumáticas em suas obras literárias *K. Relato de uma busca* (2011) e *Los días del Arcoíris* (2011) respectivamente.

Existem diversas visões e interpretações de como foi a ditadura de cada país. Não existe uma unanimidade dos fatos; a glória e triunfo de uns significou a luta e tragédia de outros. “En la medida en que hay diferentes interpretaciones sociales del pasado, las fechas de conmemoración pública están sujetas a conflictos y debates. ¿Qué fecha conmemorar? O mejor dicho, ¿quién quiere conmemorar qué?”<sup>2</sup> (Jelin, 2002, p.67). No contexto social de golpe militar comemorar os 60 ou 50 anos do início das ditaduras trazem consigo um valor simbólico e uma disputa do significado destas datas.

A literatura pós-ditatorial, tanto no Brasil quanto no Chile, tem como função não só narrar histórias, mas, recuperar e reconstruir memórias sobre o processo de ditadura que deixaram profundas marcas sociais, políticas e mentais, golpes que foram marcados pela censura, repressão, tortura, desaparecimento e morte de milhares de pessoas. Nesse contexto, o tema escolhido torna-se bastante relevante para entender a construção das literaturas enquanto espaço livre e ativo de um passado que está totalmente presente no agora.

---

<sup>2</sup> “Na medida que existem diferentes interpretações sociais do passado, as datas de comemoração pública estão sujeitas a conflitos e debates. Que data comemorar? Ou melhor dizendo, quem quer comemorar o quê? (Jelin, 2002, p.67, tradução nossa).

Os autores escolhidos para este trabalho, Bernardo Kucinski e Antonio Skármeta, viveram em meio à ditadura de seus países e suas escritas são formadas pelas respectivas vivências e pelas próprias memórias, embora um escritor seja brasileiro e outro chileno. Pessoas que passaram por um trauma como a ditadura e em vez de tentarem esquecer essa parte sombria preferem contar a história, eles rompem o silêncio, fazem recordar fatos que ainda são tratados como sigilosos. Levando em consideração os dois países, Brasil e Chile, vamos notar diferenças na forma como o passado reflete no presente de cada nação.

As obras analisadas, *K. Relato de uma Busca* (2011) de Kucinski e *Los Días del Arcoíris* (2011) de Skármeta, ambas fazem um trabalho de memória minucioso na tentativa de preservar as recordações de um evento traumático para evitar que se repita. São escritores que enfrentam a censura e, mesmo em meio a dor, luto e possível represália contam, dos seus pontos de vista, o que aconteceu na época. São dois países, duas ditaduras e duas realidades diferentes, mas temos um denominador comum, o trabalho de memória que os autores construíram em suas literaturas e a realidade latino-americana partilhada.

Sendo assim, os trabalhos de memória nessas literaturas possuem um papel fundamental para a construção da identidade de uma nação, dar voz aos que foram mortos ou silenciados e trazem novos questionamentos dos acontecimentos. Além dos estudos de memória, este trabalho faz uma análise comparativa entre as duas obras das pós-ditaduras do Brasil e do Chile, buscando compreender a relação das mesmas com seus autores, o contexto social e sua influência nos dias de hoje.

## 2 LITERATURA, DITADURA E MEMÓRIA

Colocar a literatura e a ditadura em um mesmo tópico pode parecer contraditório ao pensar que a ditadura foi marcada pela repressão e censura, enquanto a literatura permite a liberdade de expressão, em uma linha por vezes muito tênue entre o fictício e o real. Depois de tanto tempo revivendo os pesadelos e traumas das ditaduras é chegado o momento de falar com a escrita. Nas palavras de Maria Rita Kehl: “Passado um tempo subjetivo em que silêncio e estupor são as únicas reações possíveis ante o evento traumático, as vítimas e testemunhas se põem a falar. Ou a escrever. Não é um capricho: é uma necessidade. É preciso compartilhar o acontecido com o outro, os outros.” (Kehl, 2014, p.08).

Escrever sobre a ditadura de um país torna-se uma obrigação, pois, aquilo que não é lembrado está sujeito a se repetir: os mesmos erros, as mesmas escolhas que levaram às torturas e mortes de centenas de pessoas e, por este motivo, a escrita vem para reacender a memória. A literatura vem pela necessidade do autor de interagir com o mundo exterior; existe um vínculo entre ambos e, o meio social em que o artista está inserido vai contribuir para sua escrita.

Anos após aquele cenário traumático ainda são produzidas obras literárias que revelam fatos escondidos, histórias que não foram contadas, pessoas que desapareceram, acontecimentos que precisam ser registrados, caso contrário, o tempo vai passar e será como se nada tivesse acontecido. Elizabeth Jelin em seu livro *Los trabajos de la memoria* (2002) vai dizer que, “a medida que pasa el tiempo el acontecimiento va cayendo en el olvido histórico, para ser reemplazado por otros eventos más cercanos.”<sup>3</sup> (Jelin, 2002, p.83). Existe uma grande dificuldade em reconstruir essas memórias ditatoriais visto que, grande parte da população foi

---

<sup>3</sup> “com o passar do tempo, o acontecimento cai no esquecimento histórico, sendo substituído por outros acontecimentos mais próximos.” (Jelin, 2002, p.83, tradução nossa).

impedida de ter acesso às informações e obras literárias, uma estratégia planejada para que o público não se voltasse contra o governo e os militares conseguissem criar as memórias da forma que desejassem, silenciando e reprimindo as informações.

Durante a ditadura, além das lutas políticas, os militantes tentaram utilizar diversas formas de resistências culturais para protestar, através de canções, livros, jornais e novelas. Muitas dessas tentativas não tiveram êxito, assuntos considerados “subversivos” ou “perigosos” eram censurados e seus artistas/compositores punidos. Nos melhores casos, cortavam das obras os fragmentos que fossem contra o regime e permitiam sua publicação. Após a ditadura e a abolição das censuras foi possível ver as distintas liberdades de expressões e o quanto a literatura foi e continua sendo fundamental na construção da identidade de uma nação, Jelin explica,

Los afectados directos de la represión cargan con su sufrimiento y dolor, y lo traducen en acciones públicas de distinto carácter. La creación artística, en el cine, en la narrativa, en las artes plásticas, en el teatro, la danza o la música, incorpora y trabaja sobre ese pasado y su legado.<sup>4</sup> (Jelin,2002, p.15).

Sendo assim, uma criação artística das mais diversas linguagens, tem a capacidade de transformar sentimentos como tristeza e angústia em um espaço de resistência, além de dar voz e visibilidade àqueles que foram silenciados. Textos que foram publicados durante e pós-ditadura mostram que vivemos no presente um passado que insiste em não passar, a literatura neste quesito desempenha um papel crucial como ferramenta de preservação da memória traumática. O Brasil e o Chile apresentam grandes nomes literários, a exemplos dos chilenos, Isabel Allende, Roberto Bolaño e Antonio Skármeta. Já entre os brasileiros, podemos citar Chico Buarque, Lygia Fagundes Telles, Maria Valéria Rezende e Bernardo Kucinski, por exemplo. Com seus textos ficcionais ou bibliográficos estes escritores tornaram-se símbolos de resistência contra o esquecimento.

Ao pensar no passado, nos acontecimentos, estudos e memórias de uma determinada época estamos sujeitos a nunca lembrar dela por completo porque a reconstrução integral do passado é impossível. Tzvetan Todorov em seu livro *Los usos de la memoria* (2013) vai mostrar que a memória e o esquecimento não são opostos, não estão longe um do outro e, pelo contrário, estão em constante interação, pois nossas memórias são construídas a partir do esquecimento, mas não de qualquer um, estamos falando do esquecimento orientado e indispensável:

[...]ciertos rasgos de los sucesos vividos son conservados, otros apartados de inmediato, o poco a poco, por lo tanto, olvidados. Por eso es desconcertante que llamen memoria a la capacidad de los computadores para conservar información: a esta operación le falta un rasgo constitutivo de la memoria, el olvido.<sup>5</sup> (Todorov, 2013, p.20)

Complementando a ideia de Todorov sobre o esquecimento indispensável e entendendo que o mesmo faz parte da construção da memória de nós humanos, Elizabeth Jelin (2002) vai expandir seus estudos nas múltiplas formas de esquecer. O

---

<sup>4</sup> “Os afetados diretos pela repressão carregam com seu sofrimento e dor, e traduzem em ações públicas de e natureza diferente. A criação artística, no cinema, na narrativa, nas artes plásticas, no teatro, na dança ou na música, incorpora e trabalha esse passado e o seu legado.” (Jelin,2002, p.15, tradução nossa).

<sup>5</sup> “certas características dos acontecimentos vividos são preservadas, outras imediatamente deixadas de lado, ou aos poucos, portanto, esquecidas. Por isso é desconcertante que chamem de memória a capacidade dos computadores de conservar a informação: esta operação carece de uma característica constitutiva da memória, o esquecimento.” (Todorov, 2013, p.20, tradução nossa).

primeiro tipo de esquecimento abordado por ela é o “definitivo”, considerado o mais profundo e ao menos tempo é um paradoxo. Pode parecer confuso, mas se temos memórias que foram apagadas completamente de nós – passaram por um trabalho de esquecimento – é difícil comprovar que um dia existiram, muitas vezes coisas do passado que pareciam ter sido esquecidos definitivamente reaparecem em determinada circunstância, em um processo da recordação. Denominado por Ricoeur e trazido por Jelin, o esquecimento “evasivo” ocorre geralmente depois de eventos traumáticos e é uma tentativa de não lembrar acontecimentos que causam feridas, uma fuga para poder viver. E por último o “necesario”, aquele que liberta o indivíduo do peso do passado, e permite que ele siga a vida sem precisar ficar olhando para trás.

Existem aquelas pessoas que procuram falar sobre o que aconteceu, contar suas versões e vivências, reforçar o passado, contudo, também sabemos que existe uma parcela da população que em meio ao sofrimento prefere tentar esquecer o que ocorreu. Ainda no livro de Todorov entende-se que recuperar o passado é um direito democrático, mas não uma obrigação, “sería muy cruel recordarle a alguien sin cesar los eventos más dolorosos de su pasado; el derecho a olvidar también existe.”<sup>6</sup>(Todorov, 2013, p. 20). O direito de esquecer não anula a dor sofrida após um evento traumático ou apaga a memória da situação. Significa que essas pessoas podem e precisam seguir a vida sem ficar voltando ao passado constantemente.

Passamos a entender então a memória como um espaço complexo de informações, esquecimentos e vivências, lembramos não apenas como tudo aconteceu, porém, o que foi sentido naquela situação e como aquilo teve influência sobre a vida dos envolvidos. O indivíduo está constantemente criando memórias, de forma consciente ou não. Obedecendo a critérios individuais ocorre uma seleção do que precisa ser lembrado e, a forma como lembramos está diretamente ligada ao que acreditamos ser importante: “La discusión sobre la memoria raras veces puede ser hecha desde afuera, sin comprometer a quien lo hace, sin incorporar la subjetividad del/a investigador/a, su propia experiencia, sus creencias y emociones.”<sup>7</sup> (Jelin, 2002, p. 16).

Além de querer fazer justiça por aqueles que morreram pelas mãos dos militares, é crucial que se cultive as memórias vinculadas a acontecimentos traumáticos, momentos de repressão, ou qualquer outro tipo de catástrofe social. Ainda em *Los trabajos de la memoria* (2002), Jelin também trabalha a ideia da “cultura da memória” como algo dessa geração, tudo que é vivido é registrado, fotos da infância, de um lugar que visitou, algum objeto familiar, coleção de livros ou revistas, tudo com o intuito de manter o passado próximo:

Esta «cultura de la memoria» es en parte una respuesta o reacción al cambio rápido y a una vida sin anclajes o raíces. La memoria tiene entonces un papel altamente significativo, como mecanismo cultural para fortalecer el sentido de pertenencia a grupos o comunidades.<sup>8</sup>(Jelin, 2002, p. 22).

---

<sup>6</sup> “Seria muito cruel lembrar sem cessar a alguém os acontecimentos mais dolorosos do seu passado; o direito de esquecer também existe.” (Todorov, 2013, p.20, tradução nossa).

<sup>7</sup> “A discussão sobre a memória raramente pode ser feita de fora, sem comprometer quem a faz, sem incorporar a subjetividade do/a pesquisador/a, sua própria experiência, suas crenças e emoções.” (Jelin, 2002, p. 16, tradução nossa).

<sup>8</sup> Esta “cultura da memória” é em parte uma resposta ou reação as mudanças rápidas e a uma vida sem âncoras ou raízes. A memória tem então um papel altamente significativo, como mecanismo cultural para fortalecer o sentimento de pertença a grupos ou comunidades. (Jelin, 2002, p. 23, tradução nossa).

Jelin continua explicando que no mundo moderno em que estamos vivendo as coisas são efêmeras e tudo está mais rápido. São vidas sem raízes, fortalecendo um grande interesse em conhecer a identidade cultural de outras nações e suas questões históricas. Ao pensar em uma sociedade pós-ditadura, em especial nas pessoas que não viveram o golpe militar e só ouviram falar pelos livros de história ou por relatos de familiares, é necessário refletir sobre que tipo de informação está sendo passada, pois existe o risco de interferir na maneira como a sociedade vê o seu passado e como isso influenciaria em seu futuro. Assim como em uma guerra, na ditadura existem vários lados de uma mesma história. O lado de militares fortemente armados, de civis que perderam seus direitos e vivem reféns do medo, dos militantes que saíram às ruas para lutar contra o regime, e daqueles que não tomaram partido, nem contra, nem a favor do golpe, em uma pretensa neutralidade:

Como toda narrativa, estos relatos nacionales son selectivos. Construir un conjunto de héroes implica opacar la acción de otros. Resaltar ciertos rasgos como señales de heroísmo implica silenciar otros rasgos, especialmente los errores. <sup>9</sup>(Jelin, 2002, p. 53).

Dito isso, a criação de documentos oficiais como por exemplo, os relatórios da Comissão Nacional da Verdade (CNV) no Brasil que apesar de conter relatos e dados oficiais do que aconteceu, apresentam uma história vista apenas de um lado e, de forma consciente ou não, tentam aproximar diferentes grupos sociais da pós-ditadura em uma mesma memória nacional. Se pararmos para analisar o que é ensinado nas escolas sobre as ditaduras, veremos que os livros de história descrevem os períodos de regência dos presidentes do golpe militar, o que sucedeu no país naquela época e algumas formas de torturas, mas não falam de outras ditaduras, nem de países vizinhos que também sofreram golpes. A partir do momento que as literaturas resgatam as memórias e a história da nação, a sociedade desperta para o saber mais.

A memória dos acontecimentos se mantém viva pois está sendo passada de geração em geração, pessoas que não nasceram na época da ditadura conseguem sentir a perda, o luto, a resistência e a dor da repressão. Isso ocorre porque podemos compartilhar as histórias de forma única, mesmo que um grupo de pessoas contem a mesma história do passado, cada uma tem uma memória daquilo, “El ejercicio de las capacidades de recordar y olvidar es singular. Cada persona tiene «sus propios recuerdos», que no pueden ser transferidos a otros.” <sup>10</sup>(Jelin, 2002, p. 32). Os seres humanos são os únicos seres capazes de criar memórias e recordar. Nossa memória é um grande espaço com informações e vivências individuais e coletivas.

A ideia de fazer um trabalho de memória, independentemente do momento histórico, não implica dizer que tudo que é recordado está coerente com o que se passou; a memória serve como um estímulo para investigações históricas,

Sin duda, la memoria no es idéntica a la historia. La memoria es una fuente crucial para la historia, [...] Por su parte, la historia permite cuestionar y probar críticamente los contenidos de las memorias, y esto ayuda en la tarea de narrar y transmitir memorias críticamente establecidas y probadas.<sup>11</sup> (Jelin, 2002, p. 88).

<sup>9</sup> Como toda narrativa, estes relatos nacionais são selectivos. Construir um conjunto de heróis significa ofuscar a ação dos outros. Destacar certas características como sinais de heroísmo significa silenciar outras características, especialmente erros. (Jelin, 2002, p. 53, tradução nossa).

<sup>10</sup> “O exercício das capacidades de lembrar e esquecer é único. Cada pessoa tem “suas próprias memórias”, que não podem ser transferidas para outros”. (Jelin, 2002, p. 32, tradução nossa).

<sup>11</sup> Sem dúvida, a memória não é idêntica a história. A memória é uma fonte crucial para a história, [...] Por sua vez, a história permite questionar e testar criticamente o conteúdo das memórias, e isso auxilia

Nessa citação podemos perceber que a memória e a história possuem uma ligação. A memória é um reflexo das experiências vividas de forma coletiva ou individual e está constantemente em construção. Em contrapartida, a história é formada por fatos que foram questionados, estudados e “comprovados”, utiliza das memórias como fonte crucial de investigação, mas não se limita apenas a elas. Ambas são ferramentas primordiais para a preservação e compreensão do passado: uma acessa o lado pessoal do indivíduo e é subjetiva, enquanto a outra busca pela reconstrução e veracidade desses acontecimentos. A memória como objeto de estudo da história recebe o nome «*historizar la memoria*».

No nosso cotidiano estamos cercados de “memórias habituais”, termo utilizado por Jelin (2002) para explicar comportamentos rotineiros que foram aprendidos e são repetidos por todos os membros de um grupo social, por exemplo, o hábito de arrumar a mesa, as diferentes formas de cumprimentar homens, mulheres e pessoas desconhecidas. Assim como atualmente temos nossa rotina, na ditadura militar o povo de uma nação precisou se adaptar às novas “memórias habituais” implantadas pelos militares que mudaram a forma de vida dos civis: não eram mais permitidas formas de expressões contra o regime, havia toque de recolher, controle na forma de se vestir e até mesmo normas de como se comportar em público.

Antes de entrarmos nas obras literárias notamos que se faz necessário apontar alguns recortes das ditaduras de cada país. Seguindo a sequência dos capítulos iremos estudar algumas questões históricas e sociais que marcaram o período ditatorial brasileiro, logo após uma análise do romance brasileiro e assim seguiremos a mesma ideia com os tópicos chilenos, primeiro alguns momentos marcantes de sua ditadura e posteriormente o livro.

### **3 DITADURA BRASILEIRA**

No dia 31 de março de 1964 o Brasil sofreu um golpe militar, que ocorreu sob a justificativa de evitar que o país se tornasse comunista. Iniciou então, a era da ditadura militar brasileira que durou 21 anos (1964-1985). João Goulart, mais conhecido como Jango, assume a presidência após a renúncia de Jânio Quadros, ao propor o projeto nomeado como “Reformas de bases” que consistia em: na reforma agrária, desapropriar terras que estavam em desuso, na eleitoral, estabelecer o direito ao voto para analfabetos, na reforma universitária, queria ampliar o acesso à universidade e incentivar pesquisas científicas. Estas foram algumas das propostas que geraram insatisfação popular e principalmente militar.

Após o golpe, o ex-presidente Jango se refugiou no Uruguai. Desse momento em diante o país foi governado por cinco presidentes eleitos indiretamente e a nação seguiria novas normas constitucionais, divididas em dezessete atos institucionais. Esses atos foram criados sem o consentimento da população e do Poder Legislativo, legitimavam o poder dos militares, justificavam qualquer ação dos mesmos durante esse período e estavam acima da Constituição. Sendo assim, cada vez mais era concedido poder aos militares. Já nos primeiros atos institucionais (AI) a população foi afetada, perdendo seus direitos, como por exemplo, o de liberdade de expressão. No AI-1, que foi implementado no mesmo ano que o golpe aconteceu, se permitia a suspensão dos direitos políticos e a cassação de mandatos legislativos, o AI-2 criado

---

na tarefa de narrar e transmitir memórias criticamente estabelecidas e testadas. (Jelin, 2002, p. 88, tradução nossa).

no ano seguinte (1965) fechou todos os partidos políticos existentes e retirou o direito de voto dos civis.

Economicamente, o Brasil se tornou destaque entre os anos de 1968 a 1973, momento conhecido como “milagre econômico”. Houve um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) atingindo cerca de 10% ao ano, a inflação baixou, tivemos um aumento das exportações, uma grande expansão industrial e a economia era baseada em empréstimos com o exterior. Contudo, a desigualdade social aumentou drasticamente, a concentração de renda estava nas mãos de poucos, e o crescimento econômico não ocorreu de forma homogênea. Com a crise do petróleo e o estouro da dívida externa ocorre o fim do “milagre” em 1973, com o aumento dos juros no sistema financeiro internacional o Brasil fica mais endividado e o PIB começa a apresentar índices negativos.

Com o agravamento das condições econômicas ocorreu um grande descontentamento popular. Em resposta ao que estava acontecendo, as pessoas da oposição ao regime começaram a fazer manifestações em diversas áreas sociais, algo que não foi bem visto pelos militares que aumentaram o autoritarismo e reprimiram violentamente toda forma de protesto contra o Estado. Censura, tortura, desaparecimentos e mortes, assim eram tratados aqueles que fossem contrários ao regime. Criado e comandado pelo Exército, o Departamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) servia para manter o controle da oposição, responsável pelas prisões, torturas e mortes em diversas partes do país.

Segundo a Enciclopédia Jurídica da PUCSP a tortura é “um meio cruel de prática criminosa, entendido como ato desumano, brutal, que atormenta e causa padecimento desnecessário à vítima, por livre deliberação do torturador.” (Baldan,2020). São atos que possuem finalidade de extrair informações, intimidar, ameaçar e castigar o outro, existindo uma infinidade de maneiras de conseguir atingir esses objetivos. Dentre os métodos de torturas mais conhecidos durante a ditadura brasileira tivemos, choques elétricos, violações sexuais, afogamentos, arrancamento de unhas, pau de arara (a pessoa era amarrada em uma barra de madeira de cabeça para baixo), além de torturas psicológicas.

Após a Segunda Guerra Mundial, a Organização das Nações Unidas (ONU) cria a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) em 1948. Seu intuito é garantir aos cidadãos de qualquer nacionalidade um ambiente de igualdade e liberdade, independente do cenário do país, com o objetivo de evitar que injustiças aconteçam, como por exemplo: prisão sem condenação, restrição ao voto, trabalho infantil, ameaça à vida e segurança. Contudo, durante a ditadura os direitos humanos não foram respeitados e havia um conjunto de leis que regulamentavam esta situação. Com a criação dos atos institucionais os militares passavam por cima dos direitos civis e humanos. Desta forma, a insatisfação popular foi crescendo e as pessoas opositoras ao regime intensificaram suas formas de resistência contra a violência e silenciamento.

Com o decreto do AI-5 em 1968, durante o governo de Artur da Costa e Silva, os militares proibiram todo tipo de cultura de protesto (música, cinema, literatura, artes plásticas), marcou o período de maior perseguição da ditadura cívico-militar brasileira, período que ficou conhecido como “anos de chumbo”. Mesmo assim, alguns brasileiros conseguiram burlar o sistema e dar voz ao que estava acontecendo através da sua arte. Um dos exemplos de canções que se tornaram símbolos da resistência é, “Cálice”, escrita em 1973 por Chico Buarque e Gilberto Gil. A letra possui uma mensagem de ambiguidade; a palavra que vem a ser o nome da canção, “cálice”, na

concepção bíblica é o Santo Cálice Sagrado; e “cale-se” do verbo calar, significa silenciar. A letra faz referência de forma indireta à repressão, à censura e à violência. Nos trechos como “Como beber dessa bebida amarga / Tragar a dor, engolir a labuta”, podemos entender como era o sofrimento de viver esse regime e ter que ficar calado.

O músico Geraldo Vandré também escreveu uma canção que marcou: “Pra não dizer que não falei das flores” (1967). A letra descreve o cenário da ditadura brasileira e chama o povo para lutar contra a opressão. “Há soldados armados, amados ou não”, “Vem, vamos embora, que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”, por ser uma crítica direta aos militares Vandré foi duramente perseguido. Além dessas canções apresentadas diversas outras foram importantes para a resistência, “O bêbado e a equilibrista” (1979) de João Bosco e Aldir Blanc, “Apesar de você” (1970) de Chico Buarque, “Alegria, alegria” (1967) de Caetano Veloso, dentre várias outras.

Em relação as obras literárias não podemos deixar de citar um dos grandes nomes femininos, Lygia Fagundes Telles que, em 1973, publica seu romance nomeado “As meninas”. O livro parece contar apenas a história de três mulheres desconhecidas que em certo momento de suas vidas se tornarão amigas, a primeira delas é Lorena, uma estudante de direito da USP, filha de uma família rica que, embora seja uma mulher virgem se relaciona com um homem casado. A segunda mulher é Lia, cursa ciências sociais e é militante em um grupo de esquerda. A última personagem (Ana Clara) é uma estudante de psicologia que sofreu abusos sexuais na infância e acaba sendo dominada pelo uso excessivo de drogas. A história se passa durante o período ditatorial mas, como os fatos foram narrados no texto de forma sutil, o livro acaba sendo publicado. O censor encarregado de analisar o romance não teria terminado de ler por achar cansativo, e não percebeu que, apenas no final Lygia dá seu golpe contra a ditadura. Ela incluiu a descrição de uma tortura recebida em um panfleto, que contava com detalhes a violência física sofrida por um preso político.

Desde tempos remotos as formas artísticas são utilizadas como fonte de resistência, durante a escravização, por exemplo, os escravizados criaram a capoeira, adicionaram elementos coreográficos e musicais para disfarçar que na verdade estavam aprendendo formas de autodefesa e resistência contra seus senhores. Em mais um rompimento com a arte clássica, entre os dias 13 e 18 de fevereiro de 1922 acontecia no Theatro Municipal de São Paulo a Semana de Arte Moderna, um evento que reuniu diversas apresentações de dança, música e exposições de obras com o intuito de trazer novas tendências para a arte brasileira, seguindo as vanguardas europeias. Arte é sinônimo de resistência, podendo ser utilizada para desafiar normas, lutar contra a repressão, dar voz aos silenciados e fazer as pessoas questionarem as injustiças. Apesar de termos citados diversas formas de expressões artísticas, vamos aprofundar nosso estudo primeiramente na literatura brasileira.

Em síntese, fechando esse tópico de alguns marcos da ditadura brasileira, podemos ver de forma breve as consequências desse período, como algumas das atrocidades cometidas pelos militares sem qualquer direito de defesa. Entender um pouco do que se passou nesse período vai nos ajudar a identificar características históricas do momento ditatorial brasileiro e como o texto literário consegue fazer um trabalho de memória.

#### **4 K. RELATO DE UMA BUSCA DE BERNARDO KUCINSKI**

Bernardo Kucinski define o atual cenário brasileiro como o “mal de Alzheimer nacional”, no qual as próprias políticas públicas contribuem para o apagamento da

ditadura na memória das pessoas. No livro *K. Relato de uma busca de Kucinski* (2011) esse sentimento de esquecimento é trazido à tona, já no primeiro capítulo do livro de nome “AS CARTAS À DESTINATÁRIA INEXISTENTE”, em que é apresentado o descaso com pessoas desaparecidas/mortas pela ditadura. Narra sobre o correio que envia cartas e ofertas de produtos para uma remetente que já não existe há mais de três décadas:

O nome no envelope selado e carimbado como a atestar autenticidade, será o registro tipográfico não de um lapso ou falha do computador, e sim de um mal de Alzheimer nacional. Sim, a permanência do seu nome no rol dos vivos será, paradoxalmente, produto do esquecimento coletivo do rol dos mortos. (Kucinski, 2011, p. 9).

O ato constante de mandar as cartas em nome de uma “desaparecida política” é a negação do seu desaparecimento repentino, separa qualquer tipo de envolvimento da ditadura com seu sumiço, porque ao final das contas, de forma oculta e proposital, manter a memória dessa pessoa viva faz com que ela nunca morra para os seus.

O livro em análise foi publicado em 2011 pelo autor e jornalista Bernardo Kucinski, trazendo um relato de uma realidade ficcionada sobre o desaparecimento de sua irmã Ana Rosa Kucinski e seu cunhado Wilson Silva durante a época da ditadura militar no Brasil. “*Caro leitor: Tudo neste livro é invenção, mas quase tudo aconteceu*” (Kucinski, 2011, p.7), entendemos que apesar de parecer absurdo o que é contado no livro, foi verídico. No romance, o judeu imigrante K. busca respostas sobre o paradeiro de sua filha. A culpa, a procura e o luto estão presentes em cada momento da história.

A trama já começa com a filha desaparecida. Dez dias sem visita ou telefonema de Ana e os boatos de jovens desaparecidos inquietaram K. para buscar informações do paradeiro da sua filha, sem imaginar que esse caminho sem volta estava cheio de perguntas sem respostas, ruas sem saídas, fontes não confiáveis e um completo silenciamento de informações. Seus primeiros contatos foram com colegas da filha da universidade; não sabiam de muito, apenas que alguns homens andaram procurando por Ana. Querendo saber mais, K. cogita ir falar com os superiores, contudo, é advertido. As colegas avisam que tem gente estranha no campus e estão disfarçados na reitoria do prédio. Durante sua busca K. percebe que seu maior inimigo é o próprio Estado, eles têm olhos e ouvidos em todos os lugares, conseguem despistar e apagar qualquer prova que possa ser usada contra eles.

K. estava tão acostumado com sua vida que não havia percebido o que estava acontecendo no país até o tema invadir sua realidade. Os informantes de policiais estavam no meio da sociedade, discretos, quase invisíveis no cotidiano, mas sempre atentos e preparados para agir quando necessário. Caio e Amadeu, um decorador de vitrines e um dono de padaria respectivamente, dois informantes que sabendo da procura do pai se aproximaram de forma amigável para saber mais e despistá-lo. Escutam a história do velho judeu e prometem retorno em dois dias sobre o paradeiro da filha. Ambos dizem a mesma coisa: sua filha foi presa. Passam mais dois dias, retornam o contato e ambos voltam atrás no que disseram; ela nunca foi presa, nunca. Não passava de uma farsa, mentiras para distrair e afastar K. da busca.

O sentimento de culpa começa a surgir em K. e lhe acompanha durante um longo período. Em uma reunião dos familiares dos desaparecidos, uma pessoa se apresenta como cunhada de Ana, conta que além de professora de Química da USP, Universidade de São Paulo, Ana possuía uma vida secreta que não era do conhecimento de seu pai nem do seu irmão, era casada, seu marido fazia parte de

um grupo de intelectuais opositores ao sistema, e nesse momento os dois estavam desaparecidos.

Hipóteses e mais hipóteses, a busca por uma explicação por traz de tantos segredos da filha. Um tempo antes de tudo, Ana havia deixado um número de telefone e um endereço para que, em caso de extrema urgência, o pai pudesse procurá-la. Apesar de achar suspeito K. não tinha se preocupado, mas onde estava com a cabeça? Após conhecer um pouco dessa vida secreta percebe o quão distante estava de sua filha. Será que se não estivesse tão focado na língua iídiche<sup>12</sup> não teria evitado o pior? Foi seu marido que lhe colocou nesse caminho? Porque nunca ficou sabendo desse casamento?

No decorrer do livro, além do desaparecimento de Ana, são contadas várias outras histórias por pessoas que assim como K. queriam respostas, sobre indivíduos que sumiram sem deixar nenhum rastro, como se tivessem evaporado. Durante a ditadura centenas de pessoas foram mortas, porém, o maior ato de desumanidade foi apagar a identidade desses falecidos, seus corpos, documentos e testemunhas anuladas. “Os familiares queriam enterrar seus mortos – que eles já sabiam mortos, mais de cinquenta, diziam, sabiam até a região aproximada em que foram executados, mas os militares insistiam que não havia corpo nenhum para entregar.” (Kucinski, 2011, p.15). Durante a ditadura os amigos e familiares das vítimas não tiveram o direito de enterrar seus semelhantes, e mesmo sem poder, sofreram o luto de uma pessoa que nunca estivera morta, para o Estado.

O luto é um processo natural que é vivido por aqueles que perderam seus entes queridos, é uma resposta emocional que não se limita apenas aos sentimentos de tristeza e negação, podendo afetar o sistema cognitivo, causando a confusão e descrença, e mudanças de comportamento, como agitações e choros. Essas reações podem se alternar, se sobrepôr ou ocorrer em diferentes circunstâncias. Cada indivíduo tem sua forma de lidar com o luto, não existe uma fórmula universal de como passar pelo luto, ou remédio que o anule; todas as suas fases devem ser vividas e sentidas.

A psiquiatra suíça-americana Elisabeth Kübler-Ross (1926-2004) é considerada uma pioneira no estudo sobre o luto, e descreve-o em cinco etapas: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. A primeira fase, a negação, como o próprio nome sugere é negar o ocorrido. O choque ao receber a notícia cria uma espécie de barreira até que se processe a perda. No livro *K. Relato de uma busca* é possível acompanhar cada uma das etapas. Ao entrar no processo da negação, K. custa a acreditar na morte da filha, ainda acredita que Ana possa ter sofrido um acidente ou ter uma doença grave, passa dias tomando remédios para dormir, até que no vigésimo quinto dia vai ao Instituto Médico Legal que é para onde são levados os corpos não identificados. Ao não encontrar o corpo e nenhuma informação concreta K. começa uma nova fase do luto.

Considerada a segunda etapa, a raiva surge quando não se pode mais negar aquela morte e começam os sentimentos de revolta e inconformidade, “porque isso aconteceu?”, “não é justo”. Essa raiva pode ser projetada de forma inconsciente para pessoas próximas como amigos e familiares, ou até mesmo para o próprio falecido. K. sente uma enorme raiva, mas não de alguém e sim de algo, do sistema. Refere-se ao Estado como perverso, opaco e inatingível. Diversos corpos desapareceram sem

---

<sup>12</sup> O iídiche é falado pelos judeus da Europa Oriental e teve seu apogeu no início do século XX, quando se consolidou sua literatura; sofreu rápido declínio devido ao Holocausto e à adoção do hebraico pelos fundadores do Estado de Israel.

deixar nenhum tipo de vestígio. K. não consegue acreditar e pensa consigo: até os nazistas em suas chacinas tinham registrado em um livro cada morte, e os assassinos tatuado o número de vítimas em seus braços, qualquer pessoa sabia exatamente quem eram e quantos morreram, “Não havia a agonia da incerteza; eram execuções em massa, não, era um sumidouro de pessoas.”(Kucinski, 2011, p.16).

Barganha, se caracteriza pelo desejo de tentar aliviar ou reverter aquela dor, geralmente se faz promessas a alguma força superior e/ou a si mesmo, uma busca para tentar controlar a situação e assim evitar outras mortes. K. após um ano do desaparecimento da filha decide que precisa colocar uma lápide com seu nome no cemitério dos judeus, pois, para sua religião é o momento que se torna mais viva a lembrança do morto. Apesar do pai escolher um rabino <sup>13</sup> linha moderna, não sendo ortodoxo, acreditava que aceitaria seu pedido, contudo, o rabino se nega a fazer uma lápide se não tem corpo. K. sente que a falta dessa lápide significa um desastre a mais, uma punição por não ter percebido o que estava acontecendo com Ana.

É chegado o momento do luto em que a realidade da perda é sentida por completo, a angústia, a saudade e a tristeza precisam ser externalizadas. Uma espécie de depressão se apresenta, nesse cenário da busca pelo corpo e K. já não tem mais ânimo, está exausto de receber informações falsas, não tem mais esperanças, não tem mais onde procurar e ninguém a recorrer,

Agora, quando já não havia mais esperanças, quando seus dias custavam a passar na agonia de não ter mais o que procurar ou a quem falar, só lhe restava mesmo retomar seu ofício de escritor, não para criar personagens ou imaginar enredos; para lidar com seu próprio infortúnio. (Kucinski, 2011, p.95).

Seus dias passaram a ser longos, ele já não conseguia ver como dar continuidade à sua procura, seus caminhos estavam se estreitando. Apesar de sempre estar conversando com outras pessoas sobre o paradeiro da filha e de seu genro, K. está sozinho nessa busca, não pediu ajuda dos outros filhos e sequer de sua nova esposa, foi então que o velho judeu sentiu o peso dessa fase do luto.

K. faz uma dura crítica sobre o descaso das autoridades com as pessoas desaparecidas, já que não havia o mínimo de interesse em dar informações sobre o paradeiro. Após a lápide ter sido negada por não ter o corpo da sua filha, o judeu tenta de alguma forma, fazer com que sua morte não tenha sido em vão, para que ela possa ser lembrada por todos. Depois de muita luta, aparece um vereador de esquerda que colocou os nomes dos desaparecidos políticos em nomes de ruas de um loteamento depois da ponte Rio-Niterói, quarenta e sete ruas, quarenta e sete desaparecidos, entre eles Ana Rosa e seu marido.

O próprio vereador espetou estacas nas interseções principais das ruas ainda mal demarcadas e nelas pregou as placas azuladas com os nomes dos desaparecidos políticos. Só os nomes, sem indicação de data de nascimento, nem, obviamente, de morte. (Kucinski, 2011, p.112).

Olhando os nomes de cada rua do loteamento e o local onde foram colocadas, em um lugar considerado por K. um fim de mundo, ele reflete sobre algo que nunca havia parado para pensar. Na Polônia, nas ruas com nomes de pessoas, colocavam os nomes de heróis e reis. No Brasil, na ponte Rio-Niterói tem o nome Costa e Silva, o general que autorizou o AI-5, tem também a avenida Getúlio Vargas, “Esse era civil.

---

<sup>13</sup> Líder religioso de comunidade judaica

K. até chegou a simpatizar com ele – o pai dos pobres dos seus primeiros anos de Brasil.” (Kucinski, 2011, p.113). E assim, K. sente muita raiva. Como podem colocar nomes de ditadores e assassinos nas ruas principais, enquanto os que lutaram pelo fim do regime ditatorial estão em um lugar sem nenhuma indicação ou visibilidade.

Assim, vemos a aceitação de K., a última fase do luto, não é o momento que a dor ou a saudade cessam, é quando se tornam mais sossegados, a pessoa encontra, de certa forma, uma maneira de seguir e aceitar a nova realidade sem a presença de quem se foi. Em sua última tentativa de encontrar informações de Ana e seu marido, K. vai a um quartel onde seu cunhado é comandante para conversar com os presos na intenção de descobrir algo. Apesar de alguns conhecerem e terem feito parte da mesma organização que o casal, não falaram nada, pois, sabiam que ambos estavam mortos, deixaram-no contar seu relato. Depois de muito choro, por fim, K. se sentiu em paz, extremamente cansado, mas pela primeira vez, depois de muito tempo, sentiu paz.

Além da busca do pai judeu, em alguns capítulos acompanhamos de perto a vida cotidiana das pessoas e algumas das atrocidades cometidas durante o regime militar. No capítulo nomeado de “A terapia”, uma mulher chamada Jesuína Gonzaga, de 22 anos, vai para a terapeuta para conseguir uma licença médica ou aposentadoria por invalidez, por ordens de seu chefe; a jovem sofre de alucinações e sangramentos. A terapeuta começa a sessão e faz perguntas para preencher uma ficha com o que levou Jesuína a procurar um especialista e as possíveis causas para seus problemas. Durante todo o diálogo a paciente parece hesitante em falar detalhes de seu trabalho, porém, vai contando aos poucos. Jesuína foi tirada de uma penitenciária feminina de Taubaté e levada para trabalhar em uma casa. Sempre ficava no andar de cima, coava o café, varria, levava água para os presos e limpava alguma cela. Chega um momento em que a paciente já não poupa nenhum detalhe: a casa em que trabalhava era um centro clandestino de detenção, tortura e morte disfarçado de casa, a jovem deveria fingir amizade com os presos, ganhar a confiança para saber qualquer informação útil. Os presos não passavam mais de dois dias na casa, eram levados para a garagem e depois não os via mais; ela via os presos chegando, mas nunca viu nenhum sair. Certo dia, quando estava sozinha na casa, Jesuína decide ir até o lugar para onde levavam os presos, de onde sempre escutava gritos.

A garagem não tinha janela, e a porta estava trancada com chave e cadeado. Uma porta de madeira. Mas eu olhei por um buraco que eles tinham feito para passar a mangueira de água. Vi uns ganchos de pendurar carne igual nos açougues, vi uma mesa grande e facas igual de açougueiro, serrotes, martelo. É com isso que tenho pesadelos, vejo esse buraco, pedaços de gente. Braços, pernas cortadas. Sangue, muito sangue. (Kucinski, 2011, p.93).

A jovem sabia que os presos eram torturados para conseguir alguma informação, mas não sabia de tudo que acontecia na casa até que viu com os próprios olhos. As alucinações de Jesuína eram consequência dos seus dias naquela casa e dos gritos que ouvia quando as pessoas estavam sendo torturadas. Tinha pesadelos com os presos que ela precisou fazer amizade, lembrava de seus rostos frágeis e debilitados. O motivo dos seus sangramentos eram as visitas de seu chefe. Sempre que ele aparecia na casa a levava para a cama.

Como pudemos ver, os episódios da busca de K. se passam no período mais trágico da ditadura, nos “anos de chumbo”, a instituição do AI-5 fecha o Congresso Nacional e proíbe o direito de habeas corpus àqueles que fossem acusados de cometer crimes políticos, e começa uma forte repressão, baseada em censura, tortura,

prisões ilegais, desaparecimentos e mortes. Além disso, com esse novo ato institucional o governo estava isento de qualquer explicação à Justiça sobre as ações que envolvessem o AI 5. Tudo isso colaborou para que nunca encontrassem o corpo de Ana e para que até os dias de hoje ela seja considerada uma desaparecida. Ainda nesse ano de 2024 existem 434 pessoas desaparecidas registradas no site “MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO”, do governo do estado de SP, contendo foto, nome completo e descrição de quem é/era o indivíduo e relato do seu desaparecimento. São pessoas de todo o Brasil, inclusive, Ana Rosa Kucinski e Wilson Silva, seu marido, estão registrados.

Após terminarmos o estudo da ditadura brasileira e o livro escolhido, iremos agora ver um pouco da ditadura do Chile, em seguida uma apresentação da obra chilena e ao final uma análise comparativa sobre essas duas obras.

## 5 DITADURA CHILENA

Em um país vizinho e alguns anos depois, a história se repete, mais um país da América do Sul sofreu um golpe de Estado e passava a ser governado por um militar. No dia 11 de setembro de 1973 o presidente chileno Salvador Allende sofre um golpe militar e no mesmo dia se suicida. O palácio presidencial La Moneda foi bombardeado a partir de uma operação liderada pelo chefe do exército general Augusto Pinochet, uma Junta Militar assume o poder pós-golpe e no ano seguinte Pinochet foi nomeado Chefe Supremo da Nação, e se manteve na presidência até 1990.

Para entender melhor o que levou o golpe militar a acontecer, é necessário voltar um pouco no tempo. Em 1970 Salvador Allende vence as eleições presidenciais com 36% dos votos, pela primeira vez um político socialista e apoiador do marxismo chega ao poder, além disso, sua candidatura foi apoiada por partidos de esquerda conhecida como Unidad Popular. Durante seu governo, Allende nacionalizou bancos, empresas estrangeiras, as minas de cobre e iniciou a reforma agrária, causando uma grande insatisfação principalmente dos donos de empresas que viram seus interesses econômicos em risco nesse momento. Ademais disso, o governo passou a ser sabotado por grupos apoiados pela Agência Central de Inteligência (CIA), que tinham como objetivo o enfraquecimento político. Desse modo, crescia a oposição e insatisfação popular, levando à derrubada de Allende.

Assim como nas ditaduras do Brasil e da Argentina, no Chile o fortalecimento e poder dos militares se deram através do apoio dos Estados Unidos. Marcada por uma das ditaduras mais cruéis, segundo o jornal G1 em sua matéria “Ditadura de Pinochet no Chile deixou mais de 40 mil mortes, diz relatório”<sup>14</sup> publicada no dia 18/08/2011, o número oficial entre pessoas que foram presas, torturadas e/ou executadas ultrapassa 40 mil, todavia, alguns grupos sociais acreditam que esse número chegue aos 100 mil. Doutrina de Segurança Nacional (DSN), nome dado aos três órgãos do Estado responsáveis pela eliminação dos seus opositores, são eles: Forças Armadas, Carabineros de Chile e Polícia de Investigações. Além deles, foram criados departamentos voltados diretamente para a repressão, *Dirección de Inteligencia*

---

<sup>14</sup> Link da matéria: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/08/novo-relatorio-sobe-para-mais-de-40000-as-vitimas-da-ditadura-de-pinochet.html>

*Nacional* (DINA, 1974-1977), Comando Conjunto (1975-1977) e *Central Nacional de Informaciones* (CNI, 1977-1990, sucessora da DINA).

Esses departamentos utilizaram uma série de lugares como centros de concentração e tortura, dentre os lugares mais conhecidos temos o navio-escola Esmeralda, uma embarcação construída na Espanha em 1953, inicialmente projetado como um veleiro para treinamento da Marinha Chilena, porém, depois do golpe em 1973 passou a ser utilizado como centro de tortura. Venda Sexy ou La Discoteque, outro local utilizado pela DINA voltado para torturas baseadas na violência sexual principalmente em mulheres que ficavam nuas e vendadas, por isso um de seus nomes, Venda Sexy. Também era conhecido como La Discoteque por causa das músicas altas para ocultar os gritos durante as torturas.

O Estádio Nacional de Santiago também funcionou como centro de detenção e tortura durante o regime, diversas pessoas foram presas apenas por sua escolha política. O Chile tem feito um trabalho de memória para que a história não caia no esquecimento, dentro do estádio na saída 8 tem um letreiro "*Un pueblo sin memoria es pueblo sin futuro*", traduzindo para o português, "Um povo sem memória é um povo sem futuro". A frase e o local escolhidos não foram por acaso, está ali onde milhares de turistas visitam, onde acontecem partidas de futebol mundiais e é o local por onde passou o maior número de detentos.

Inaugurado em 11 de janeiro de 2010 pela ex-presidenta Michelle Bachelet, que também foi vítima da ditadura, o *Museo de la Memoria y los Derechos Humanos* localizado em Santiago é um memorial em homenagem a todas as vítimas que tiveram seus direitos humanos violados no período ditatorial. O museu está repleto de memórias, cada sala tem um nome que carrega um pouco da história e sofrimento, dentre elas, sala 1: Direitos Humanos, desafio universal, sala 2: Golpe militar de 11 de setembro de 1973, sala 5: A repressão e a tortura, sala 6: A dor das Crianças, sala 7: A demanda para a Verdade e a Justiça, sala 8: A ausência e a Memória. Também é possível encontrar cartas escritas pelos prisioneiros para seus familiares, testemunhos dos sobreviventes e instrumentos utilizados para as torturas.

No ramo da economia, assim que o golpe aconteceu, novas medidas foram tomadas, desfizeram todo o projeto socializante implantado por Salvador Allende durante seu governo. Nesse cenário os militares optaram por uma política econômica neoliberal. Abrindo a economia chilena ao capital privado e estrangeiro, acreditavam que o Estado deveria reduzir seus gastos em alguns ramos. Entre as medidas tomadas houve as privatizações, a redução do gasto público e a reforma trabalhista, contribuindo para o aumento da desigualdade social no país. A adesão desse tipo de política se deu pela influência dos chamados Chicago boys. Receberam esse nome os jovens economistas chilenos que estudaram na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos.

Além das políticas públicas que contribuem para a memorização dos acontecimentos, a sociedade chilena também tem sua parcela de participação. A população civil, desde que acabou a ditadura, realiza manifestações. A tradicional Marcha de la Romería, em Santiago, ocorre anualmente um dia antes da data que marca o golpe contra Allende, e consiste em uma caminhada para homenagear as vítimas da ditadura que já não estão mais aqui.

Assim como no Brasil, as diversas formas de expressões artísticas chilenas foram duramente reprimidas. Ainda nos primeiros dias de ditadura o cantor e

compositor Víctor Jara foi sequestrado, torturado e morto. Víctor usava suas músicas como forma de protesto, fazia críticas sociais defendendo a luta dos trabalhadores, e era apoiador de Allende e do socialismo. Escreve, por exemplo, a música “El Derecho de Vivir en Paz”, declarando seu apoio ao líder vietnamita Ho Chi Min que é citado na letra; essa sua canção virou um símbolo de resistência mundial. Na autópsia de Jara foi possível identificar diversos ossos quebrados pelas diversas torturas e 44 ferimentos de bala; foi morto no *Estadio de Chile*, que em setembro de 2003 recebe seu nome, *Estadio Víctor Jara*.

Uma música consegue despertar sentimentos, criticar, homenagear, pode ser ouvida por prazer, diversão, como forma de comunicação ou como uma forma de lutar. Em 2019, o Chile passou pela maior onda de protestos que reivindicavam a redução do preço da passagem do metrô de Santiago que teve um aumento de 3,75% e a diminuição do percentual de aumento da conta de luz que poderiam subir até 10%, gerando um enorme descontentamento da população. Em seu último dia de protesto mais de um milhão de chilenos foram às ruas vestidos com as cores da bandeira, em cartazes levavam fotos de Víctor Jara e como grito de guerra sua música “El Derecho de Vivir en Paz”.

Assim como nas formas de resistência durante a ditadura brasileira, no Chile percebemos a força que elas possuem, principalmente as canções. Mesmo depois do evento traumático, a nação luta por seus lugares e trabalhos de memórias, as mortes e o todo sofrimento dos seus semelhantes não foram em vão. Dito tudo isso, podemos entrar na obra literária chilena e analisar suas características.

## 6 LOS DÍAS DEL ARCOÍRIS DE ANTONIO SKÁRMETA

O escritor chileno Antonio Skármeta publica em 2011 seu romance intitulado “LOS DÍAS DEL ARCOÍRIS”, ganhando o IV Prêmio Ibero-americano Planeta-Casa da América de Narrativa por essa obra. A trama se passa em 1988 durante a ditadura militar chilena; de forma sutil o autor consegue trazer temas como a ditadura, sequestro, morte e resistência ao regime. Skármeta intercala os capítulos do livro entre dois personagens, cada um com seu cotidiano que em alguns momentos vão se mesclar. O primeiro é um garoto que se chama Nico Santos, filho do professor de filosofia Rodrigo Santos, o segundo personagem é um publicitário, Adrián Bettini, que assume a campanha do “no” contra Pinochet.

Em seu primeiro capítulo, já é relatado o sequestro do professor Rodrigo Santos, em meio a sua aula em uma quarta feira. Seu filho Nico e outros 34 alunos assistiram com seus próprios olhos quando homens bem vestidos entraram na sala e pediram que o professor os acompanhasse. “El miércoles tomaron preso al profesor Santos. Nada de raro en estos tiempos. Sólo que el profesor Santos es mi padre.”<sup>15</sup> (Skármeta, 2011, p.9). Nico não tinha medo do ocorrido com seu pai; ele foi levado diante de várias testemunhas e, portanto, não poderiam sumir com ele sem deixar rastros. Podemos ver nesse momento que o contexto histórico traumático que os personagens estavam vivendo fez com que os mesmos tivessem que se preparar para o pior. Todos estavam instruídos para um caso como esse, e no caso de Nico as recomendações eram muito específicas do plano “Baroco”, se um dia Rodrigo fosse

---

<sup>15</sup> “Na quarta-feira levaram preso o professor Santos. Nada de estranho nesses tempos. Só que o professor Santos é meu pai.” (Skármeta, 2011, p.9 , tradução nossa).

levado pelos militares Nico deveria fazer duas ligações a dois números de telefone que tem decorado e em seguida continuar vivendo normalmente.

Enquanto o jovem procura por seu pai, acompanhamos a vida de Adrián, um publicitário extremamente renomado, contudo no atual cenário está desempregado, fazendo alguns pequenos trabalhos, é pai de Patrícia Bettini, namorada de Nico. O publicitário Adrián se vê em uma situação delicada, recebe duas propostas de trabalho, uma que vai lhe pagar bem, na verdade, bem até demais, ele poderia delimitar quanto custaria seu honorário, contudo, é um trabalho que vai contra seus princípios, que seria trabalhar na campanha do “SIM” a Pinochet, e a outra opção a campanha do “NÃO”, o desafio de convencer em 15 minutos na televisão uma população que está cega para votar contra o governo atual que está no poder há 15 anos. Nesse momento começa o desespero de Bettini, estão vivendo uma ditadura já enfraquecida que permitiu um plebiscito com uma oposição, com direito a uma campanha eleitoral, que são 15 anos contra 15 minutos. Além de tudo isso, Adrián ao assumir a campanha do “NÃO” estaria declarando uma rivalidade ao homem que havia lhe oferecido a campanha contrária, o ministro Fernández.

Nico inicia o plano “Baroco”, sem ao menos saber os nomes dos contatos. No primeiro número ninguém atendeu, isso significava que havia sido preso; o segundo contato atendeu sem se identificar. Nico diz que o professor Santos foi levado preso e, a partir desse momento a pessoa do outro lado da ligação estaria encarregada de continuar o plano “Baroco”. Nico foi instruído pelo seu pai que após colocar o plano em ação o filho deveria cuidar de sua vida e de seus estudos, sem se meter em conflitos políticos. Mesmo atordoado com tudo que está acontecendo Nico tenta seguir seus dias normalmente. Ao chegar na aula de filosofia o professor entra, não é seu pai, chama-se Javier Valdivieso, o novo professor.

Aceitar a campanha do “NÃO” era um grande risco não só para Bettini, mas para sua família, sabiam o que significava ir contra o ministro e principalmente o regime. Deveria ser uma campanha clara e objetiva, com intuito de convencer os indecisos a votarem contra: este seria outro ponto intrigante para Adrián. Como conseguiria dirigir essa publicidade se está composta de 16 partidos, não existe uma identidade própria, não conhecia nem metade desses partidos, não conseguia pensar em um lema que abarcasse todos eles e o próprio publicitário não acredita que a população votaria contra o governo: “no tengo ningún optimismo de que gane el «No». No creo que este país envenenado ideológicamente y aterrorizado se atreva a votar contra el «Sí».”<sup>16</sup> (Skármeta, 2011, p.32)

Os dias vão passando e Nico não recebe nenhuma notícia sobre o paradeiro de seu pai, apesar das pessoas ao seu entorno questionarem seu posicionamento e tentarem ajudar a encontrar o professor Rodrigo, o jovem não leva adiante as ideias, mas como queria seu pai de volta eles tinham um plano. No colégio, Nico está ensaiando para uma peça, organizada pelo professor de inglês Rafael Paredes, amigo íntimo de seu pai, e é alguém por quem o garoto tem grande respeito. A peça se chama “La cueva de Salamanca” de Cervantes. É uma história cômica sobre um homem que vai para o casamento de sua irmã em outra cidade e, enquanto isso, sua

---

<sup>16</sup> “não tenho otimismo de que ganhe o “Não”. Não creio que este país ideologicamente envenenado e aterrorizado se atreva a votar contra o “Sim”. ”(Skármeta, 2011, p.32, tradução nossa).

esposa e uma criada que ficaram em casa estão organizando uma orgia com seus amantes, o barbeiro e o sacristão da aldeia. Nico vai representar o sacristão.

Era 5 de outubro, faltava menos de um mês para o plebiscito, e a campanha do “NÃO” continuava estagnada. Apesar de ter aceitado o trabalho Bettini não sabe o que fazer, está tudo cinza. Sem esperanças e sem ideias, Adrián desabafa com sua esposa Magdalena, e diz que precisa vender algo que não está no mercado: alegria. Juntos começam a analisar como poderia ser feita a campanha, começam por um desenho de uma mão, todavia, ainda faltam dedos. Outro desenho poderia ser duas mãos juntas, entrelaçadas, que remete à ideia de união, mas, ainda assim, faltam mais 6 partidos para representar. Deixam de lado o desenho, e pensam: o que colocar no lema? Adrián sugere somente a palavra “NÃO”. Como já é bastante forte, acrescentar algo mais pode ficar ruim, é melhor ele sozinho, mas sua esposa discorda “—Le falta contenido, Adrián. «No más tortura», «No más miseria», «No más desaparecidos», «No más exilio».”<sup>17</sup> (Skármeta, 2011, p.47). Mais uma vez não conseguem fechar a ideia; Bettini precisa de um tempo para amadurecer as possibilidades de criação.

A vida de Adrián já não é a mesma, desde que aceitou esse trabalho seus dias se tornaram um pesadelo, dormia e acordava pensando o que fazer. Durante um sonho veio o despertar para a campanha, Bettini estava no Teatro Municipal observando diversas mulheres e homens todos bem vestidos, eles de smokings e elas usando belos vestidos de seda. Enquanto isso, a orquestra está afinando as cordas e esperando a chegada do maestro. Um funcionário do Teatro se aproxima de Bettini, e tocando em seu cotovelo diz: “seu turno, maestro”. É levemente empurrado para o centro, as pessoas lhe recebem com fortes aplausos, e com os bastões o maestro Adrián rege a orquestra. No final de seu sonho ele está de pé escutando as palmas do público, quando as vozes do coral perfuraram o telhado e desceu sobre ele um arco-íris com suas infinitas cores. De repente, sente que lhe abraçam e sacodem e, ao abrir os olhos, está sua esposa, o senador Olwyn e uma pessoa que vai fazer as camisas do “NÃO”. Precisam saber qual será o símbolo da campanha, então Bettini diz que será um arco-íris e explica que representa tudo que eles querem, todos os partidos, são várias cores em uma única coisa, é bonito de se ver, surge depois da tempestade e traz alegria.

Acompanhar a vida escolar e amorosa de Nico nos permite observar a falta de esperança de dias melhores, da volta da democracia, da liberdade, jovens que ainda no colégio já pensam em ir embora do país. Em uma fala de Patrícia com seu pai sobre não votar contra Pinochet ela diz, “Porque estoy convencida de que este país no tiene salida. No creo que poniendo papelitos en una urna se derroque a un dictador que tomó el poder disparando balas.”<sup>18</sup>(Skármeta, 2011, p.38). Assim como Nico e sua namorada, outros colegas acreditam que o país não tem remédio para curar dessa doença, para eles esse plebiscito, a votação, a opção de ter um partido contrário, tudo isso não passa de uma fraude, por isso não querem votar, mesmo que sejam contra.

Adrián inicia sua busca por um elenco para representar o “NÃO” na campanha da televisão, os candidatos parecem uma piada aos olhos de Bettini ou devem ter

<sup>17</sup> “—Falta conteúdo, Adrián. “Chega de tortura”, “Chega de miséria”, “Chega de pessoas desaparecidas”, “Chega de exílio”. (Skármeta, 2011, p.47, tradução nossa).

<sup>18</sup> “Porque estoy convencida de que este país não tem saída. “Não acredito que colocar pedaços de papel em uma urna derrubará um ditador que assumiu o poder atirando balas.” (Skármeta, 2011, p.38, tradução nossa).

consumido algum tipo de droga antes de sugerirem suas ideias. Um estudante universitário sugere colocar uma enorme língua encima do arco-íris com o nome “NÃO” e quando aparecer o nome, colocar o rugido de um leão, outro candidato, um bombeiro, sugere tirar das costas um copo de água, levantar brindando e imitaria com a boca a sirene do carro de bombeiro: «No, no, no, no, no, no, no, nooooooooooooooooo.»

Durante uma ditadura tudo pode acontecer, de uma hora para a outra alguém que você ama ou conhece pode ser levado e talvez você nunca mais tenha notícias sobre ela. Certo dia depois da aula Patrícia vai se encontrar com Nico, sai correndo de sua escola até a dele, ao vê-lo pede que lhe abrace forte, o mais forte que puder, e conta o que aconteceu. Antes de entrar na sala de aula viu um helicóptero sobrevoando Apoquindo e viu dois carros sem patente estacionados na esquina. A jovem se depara com o professor Paredes, lhe cumprimenta com um beijo e quando observa três homens saem de um dos carros agarram o professor, lhe arrastam e colocam dentro do carro. O reitor do colégio ainda tentou lutar com os homens, mas foi fortemente golpeado.

É chegado o grande dia da apresentação teatral “*La cueva de Salamanca*”. Na primeira fila os convidados especiais, o reitor da escola e o tenente Bruna. Já vestido e maquiado em seu papel de sacristão, Nico entra por um pequeno espaço da cortina no palco, embora não pudesse se envolver em problemas políticos o jovem não pôde deixar de falar sobre o que estava acontecendo. A peça estava planejada para a semana seguinte, mas anteciparam como forma de chamar a atenção dos alunos e autoridades sobre o rapto do professor Paredes, que naquele momento era considerado «*detenido desaparecido*», uma expressão ousada, ainda tratada como tabu, ele deveria mencionar como nos noticiários «*en confusas circunstancias*». Todos que estavam presentes ficaram em silêncio, os olhares voltados para Nico, ele continua sua fala, pede encarecidamente ao tenente que aproveite do seu alto cargo e poder de influência para que faça todo possível para devolver o professor.

Durante a ditadura a população como um todo sofreu, direta ou indiretamente, mesmo aqueles que não foram torturados ou mortos. No livro conseguimos sentir como a vida dos alunos foi afetada quando seus professores foram levados, alguns ficaram assustados, outros incentivavam Nico a reagir, porém, todos estavam sendo censurados e oprimidos ao não poderem falar e perguntar sobre seus conhecidos. Tinham medo.

Enquanto a peça estava sendo encenada na escola, Adrián apresenta a estreia privada para alguns convidados e os representantes do partido, da campanha do “NÃO”. Nas palavras do embaixador da Argentina a campanha era inofensiva, estavam fodidos pois, não tinham tempo de mudar, que deveria ter havido algum engano. Olwyn tinha falado que Bettini era o melhor, ou pelo menos já foi. A campanha não era nada do que o embaixador pensava, “Yo esperaba que ardiera Troya: que atacara a Pinochet con el tema de los detenidos desaparecidos, los derechos humanos, las torturas, el exilio, la cesantía.”<sup>19</sup>(Skármeta, 2011, p. 81).

Nico está na escola quando é chamado pelo inspetor com apenas uma palavra “Santos” e um gesto, indicando que entrasse na diretoria, o reitor está sentado atrás

---

<sup>19</sup> “Eu esperava que Tróia queimasse: que atacasse Pinochet com a questão dos detidos desaparecidos, dos direitos humanos, da tortura, do exílio, do desemprego.” (Skármeta, 2011, p. 81, tradução nossa).

de sua mesa e na cadeira de couro o tenente Bruna. Nenhum dos dois lhe cumprimentou. Falaram que estava frio e perguntaram se o jovem tinha algum casaco. Os pensamentos de Nico começaram a surgir: foi algo com meu pai? Fiz algo e vão me levar? Mas o silêncio se manteve. Do lado de fora havia um jeep já ligado esperando por eles, sobem pela Recoleta e chegam em uma área isolada por um caminhão militar, tem dois fotógrafos no local, pessoas apoiadas nas paredes de suas casas e alguns militares que fazem reverência ao tenente. Quando chegam no farol Bruna ordena que levantem uma lona grossa que está no chão, está cobrindo um corpo, é o professor Paredes. Seus olhos estão fechados e ao redor de seu pescoço alguns panos cheios de sangue, um dos militares diz que foi decapitado.

O episódio descrito acima foi baseado em um dos eventos considerados dos casos mais brutais durante a ditadura chilena, *el caso degollados*. José Parada, Manuel Guerrero e Santiago Nattino eram três professores, militantes do Partido Comunista e do movimento docente “*Asociación Gremial de Educadores de Chile*” (AGECH), os movimentos de professores eram os mais perseguidos, pois, os militares viam grande potencial de crescimento e fortalecimento. Por esses motivos, no dia 28 de março de 1985 o primeiro deles foi levado, Santiago Nattino, no dia 29, José Parada e Manuel Guerrero foram sequestrados pelos agentes da “*Dirección de Comunicaciones de Carabineros*” (DICOMCAR) na porta do Colégio Latinoamericano, todos eles foram torturados e encontrados degolados.

Chegou o dia que a campanha do “NÃO” vai passar pela primeira vez na televisão, e é o dia também do enterro do professor Paredes. Vendo o sofrimento da viúva María, Nico pensa sobre sua situação, pelo menos a mulher tem o corpo do esposo, enquanto ele como filho não tem nenhuma notícia do seu pai. Um dos telefones do plano <Baroco> um tal de Samuel, nome inventado, afirma que o caso de Santos é a prioridade, porém se torna difícil acreditar. Paredes também estava nas prioridades do tenente Bruna e agora está sendo enterrado. Durante a noite Nico vai para a casa de Bettini assistir a campanha junto deles, sentaram todos para jantar, conversaram, mas a cabeça de Adrián não parava. Se perguntassem o que tinha acabado de comer não saberia responder. Imaginava que em poucos minutos sua campanha iria ser transmitida para toda a nação lhe assustava, temia que em vez de esperança para o povo ele trouxesse vergonha e, por isto, não fica para o final. Sai para tomar ar fresco, se senta na praça e quando parecia que nada fazia sentido o publicitário consegue ver dois jovens dançando sem música, “y cuando estuvieron tan cerca de él que alcanzaron a rozarlo la mujer danzarina le gritó: —¡Vamos a ganar, señor! ¡Vamos a ganar!”<sup>20</sup>(Skármeta, 2011, p.109).

Adrián volta a ter esperanças de ganharem o plebiscito, só não sabe se vão aceitar o resultado. Dois dias antes da votação os sociólogos publicaram os resultados de suas pesquisas e setenta e cinco por cento das pessoas indecisas votariam agora no “NÃO”, somando mais os que já votariam contra teriam uma grande chance de vencer. Os sociólogos explicaram a Bettini que as pessoas estavam sentindo que estavam falando com elas na campanha, o que antes era só os programas permitidos e direcionados ao regime, agora o povo tem ânimo. O site “*Memoria chilena*” divulgou que um mês antes do plebiscito os registros eleitorais tinham mais de sete milhões de

---

<sup>20</sup> “e quando estavam tão perto dele que conseguiram tocá-lo, a dançarina gritou-lhe: “Vamos vencer, senhor!” Vamos vencer!” (Skármeta, 2011, p.109, tradução nossa).

chilenos inscritos para votar, equivalente a 92% das pessoas que tinham direito ao voto. Chegou, dia 5 de outubro, Adrián vai votar, acompanhado de sua esposa e filha, sente um misto de sentimentos. À meia noite daquele mesmo dia seria anunciado o resultado. O subsecretario Cardemil anunciou que com cinquenta e três porcentos dos votos vencia o “NÃO”, diante de tantos fotógrafos e da imprensa, Pinochet emite sua nota: “Los judíos también hicieron un día un plebiscito. Tuvieron que elegir entre Cristo y Barrabás. Y eligieron a Barrabás.”<sup>21</sup>(Skármeta, 2011, p.121).

Segundo a Bíblia, Barrabás era um criminoso e assassino, embora Pinochet tenha cometido diversos tipos de atrocidades e se parecesse bastante com o homem mencionado, diante de sua derrota ele se apresenta como injustiçado, alguém que tentou salvar a população como Cristo fez e foi traído. Depois de anos de ditadura, o primeiro presidente eleito de forma democrática foi Patricio Aylwin. Pinochet sai da presidência e torna-se senador vitalício, mas, em seus últimos anos de vida respondeu a alguns processos contra seus crimes cometidos durante a ditadura, mas morre sem ser punido.

Os dias se passam, a população está mais alegre, Bettini finalmente consegue se tranquilizar, mas por outro lado, Nico ainda tem coisas pendentes com a ditadura. Certo dia, quando o jovem voltava para casa se depara com Patrícia dentro do apartamento lhe esperando, de dentro da cozinha sai uma amiga de ambos, Laura Yáñez, as duas estão com um sorriso de orelha a orelha e antes que pudesse falar qualquer coisa por traz delas aparece o professor Santos, pai e filho se abraçam forte em silêncio, Nico esperou muito por esse momento. Graças a Laura que falou com pessoas poderosas Santos conseguiu voltar para casa, Nico olha para seu pai em êxtase e questiona sobre as marcas de queimadura que tem na sua pele, o pai sorri e diz que na prisão não tinha onde apagar o cigarro, então apagavam em qualquer lugar.

As formas de torturas utilizadas na ditadura eram as mais variadas possíveis. Como estudamos, além da física existia a psicológica. Nesse último trecho do livro em que o pai de Nico retorna para casa, vemos sutilmente que ele foi torturado, e que existem pequenas queimaduras em seu corpo. Podemos imaginar que a maior parte das suas torturas foram psicológicas ou que começaram aos poucos pois precisavam dele vivo. De forma breve o autor conseguiu trabalhar diversos momentos do processo ditatorial, suas mortes, torturas, a falta de esperança das pessoas e a campanha do “NÃO” renovando a possibilidade de mudança para a democracia.

## 7. UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS

As obras estudadas, *K. Relato de uma Busca* de Bernardo Kucinski e *Los Días del Arcoíris* de Antonio Skármeta, possuem pontos semelhantes que são significantes. Ambas têm como tema central o período ditatorial de seus países e as consequências sofridas. Trabalham o desaparecimento de pessoas: K. procura por sua filha e genro que sumiram sem deixar rastros, e Nico, a princípio, procura por seu pai, mas, tempos depois precisou começar a procurar por seu professor também. Repressão e censura, notamos o controle das mídias nas obras, opressores vivendo infiltrados no cotidiano

---

<sup>21</sup> “Os judeus também realizaram um plebiscito um dia. Eles tiveram que escolher entre Cristo e Barrabás. E eles escolheram Barrabás.” (Skármeta, 2011, p.121, tradução nossa).

das pessoas como delatores, vimos como as ditaduras afetaram não somente os personagens envolvidos diretamente, mas todos ao redor.

Tomando do ponto inicial nessa análise comparativa os elementos da narrativa, conhecidos popularmente como “PENTE” (personagem, enredo, narrador, tempo e espaço), entenderemos não só como as obras estão estruturadas, porém, como os autores conseguem trabalhar eventos traumáticos de formas tão peculiares, trazendo a ditadura e seus horrores de diferentes perspectivas.

No primeiro elemento estudado, os personagens, notamos que a falta de descrição das características físicas dos protagonistas é um dos pontos em comum entre as obras: não sabemos como Ana ou Nico são, os autores deixam um espaço livre para o leitor. Poucos são os personagens que são detalhadas quanto a suas aparências, como no caso do capítulo “A terapia” de Kucinski que narra sobre as fisionomias de Jesuína “seus lábios finos e seus olhos pequenos e mortiços [...]. Mantém curtos os cabelos, negros e pastosos. É baixa e robusta.” (Kucinski, 2011, p.87). Nessa mesma perspectiva, Skármeta traz detalhes do novo professor de filosofia que entrou no lugar do pai de Nico, “Se trata de un hombre joven de cejas tupidas y nariz respingada que lleva anteojos redondos como los de John Lennon[...]. Es muy delgado.”<sup>22</sup>(Skármeta, 2011, p.28).

Quanto ao enredo, no geral, as duas tramas possuem um contexto parecido no quesito do cenário ditatorial, das buscas e das mortes, porém cada uma com suas particularidades. Podemos classificar os enredos em dois tipos: o não linear que é o caso de K. ou seja, a apresentação, a complicação, o clímax e o desfecho não acontecem de forma sucessiva, vemos na obra alguns picos de complicações, em diferentes partes da trama. Por outro lado, tendo em vista a segunda obra analisada, acompanhamos com maior facilidade os acontecimentos, em um capítulo apresenta a vida de Nico e sequestro de seu pai, no capítulo seguinte a vida de Adrián, em seguida Nico tem problemas com o plano “Baroco”, enquanto o publicista está em uma situação complicada com as duas propostas de trabalho. Assim, consideramos essa uma obra de enredo linear, em que vai alternando a narrativa centrada em Nico e em Bettini.

Seguimos agora com elemento narrador, sendo um dos pontos em que as obras se diferem. Em Kucinski, temos uma narrativa dividida em várias vozes, além de um narrador que aponta para o autor, Bernardo que se apresenta ora como narrador personagem ora como observador, “não mais que de repente, um telefonema a essa mesma casa, a esse mesmo filho meu que não conheceu sua tia sequestrada e assassinada;” (Kucinski, 2011, p.125), trecho em primeira pessoa. Observamos que nos capítulos voltados para K. o narrador em terceira pessoa trabalha não só elementos visuais, mas descreve os sentimentos e até pensamentos do pai, assim explica Arthur Barboza Ferreira (2020),

É como se o narrador sentisse todas essas sensações juntamente com K., mantendo-se bem próximo a ele. Também, o mergulho do narrador na mente de K., acessando memórias involuntárias, é digno de nota, pois esse narrador não faz esse mergulho em mais nenhuma personagem.

Além disso, vemos Ana e outros personagens ganharem voz, por exemplo, em uma carta para uma amiga Ana diz, “Mal tenho saído da minha toca. Eu que gosto

---

<sup>22</sup> “Se trata de un hombre joven de sobrecelhas espessas e nariz arrebitado que usa óculos redondos como os de John Lennon [...]. É muito magro.” (Skármeta, 2011, p.28, tradução nossa).

tanto de cinema virei uma reclusa. Da Química volto direto para casa.” (Kucinski, 2011, p. 30). Voz dos agentes que sequestraram Ana e Wilson em um capítulo, “Com o casal tudo deu certo, do jeito que o chefe gosta, sem deixar rastro, sem testemunha, nada, serviço limpo” (Kucinski, 2011, p. 42), além dos outros diversos narradores.

Todavia, Skármeta opta por apenas um narrador, e o texto narrado em primeira e terceira pessoa com dois focos narrativos diferentes: Nico e Bettini. Sabemos que o livro caminha entre a vida do publicista com a campanha do “NÃO”, e Nico com a busca por seu pai e professor. O jovem Nico narra suas próprias histórias. Vejamos um trecho em primeira pessoa, “Papá toma su café cargado y sin azúcar. Yo le pongo mitad leche” <sup>23</sup>(Skármeta, 2011, p.9). Enquanto na descrição da vida de Adrián Bettini recebe a voz em terceira pessoa, “El señor Bettini desenterró de un baúl una corbata y se la anudó sin alegría frente al espejo.” <sup>24</sup>(Skármeta, 2011, p.14). O crítico literário chileno Grínor Rojo, diz que,

“Me refiero a la composición de *Los días del arcoíris* a base de dos historias de diferente temple y cuyas narraciones respectivas se alternan y a la larga se fusionan. Una de ellas la de un narrador en tercera persona, extra y heterodiegético y por lo tanto con una capacidad amplia de movimiento y visión, aun cuando no llegue a ser total, y la otra, la de un narrador en primera, intra y homodiegético, sin la amplitud y visión del primero pero capaz en cambio de singularizar e interiorizar el mundo narrado.”<sup>25</sup>

Em seu artigo “Ficción e historia en *Los días del arcoíris* de Antonio Skármeta”, Rojo analisa alguns pontos cruciais da obra, entre eles como vimos na citação acima, o narrador, primeiramente cita aquele em terceira pessoa, tem uma visão ampla não só do que está acontecendo com o personagem, consegue sentir e ver além, ao contrário do narrador em primeira pessoa que é mais limitado e tem suas narrações voltadas para o mundo interior.

Em relação ao tempo, podemos pensar primeiramente no cronológico e no psicológico. Na busca de K. o tempo não obedece a uma linha cronológica constante. Em alguns momentos conseguimos acompanhar dias consecutivos da procura, “naquela manhã de domingo, K. sentiu pela primeira vez a angústia que logo o tomaria por completo.” (Kucinski, 2011, p. 11). Contudo, algumas vezes a narração volta para um passado que não sabemos quando foi, um tempo psicológico, podemos dizer então que sua linha do tempo mescla entre os dois. Em contrapartida, na outra obra analisada o tempo é cronológico, acompanhamos dia após dia a vida dos personagens, somos situados em que momento algo está acontecendo, em relação com o dia da semana, o turno ou até mesmo o horário no relógio, “Ahora es lunes. El

<sup>23</sup> “Papai toma café forte e sem açúcar. Eu coloco metade leite” (Skármeta, 2011, p.126, tradução nossa).

<sup>24</sup> “O senhor Bettini desenterrou uma gravata de um baú e amarrou-a com tristeza na frente do espelho.” (Skármeta, 2011, p.14 tradução nossa).

<sup>25</sup> “Refiro-me à composição de *Los días del arcoíris* baseada em duas histórias de temperamento diferente e cuyas respectivas narrativas se alternam e eventualmente se fundem. Um deles é o de um narrador em terceira pessoa, extra e heterodiegético e, portanto, com ampla capacidade de movimento e visão, mesmo quando não total, e o outro, o de um narrador em primeira pessoa, intra e homodiegético, sem a amplitude e visão do primeiro, mas capaz em vez de singularizar e internalizar o mundo narrado. (Grínor Rojo, tradução nossa).

cielo está cargado de nubes grises y negras, pero no llueve...”<sup>26</sup>(Skármeta, 2011, p.28).

Encerrando os elementos que compõem o “PENTE”, vamos entender os espaços das obras. Em ambas as narrativas não conseguimos estabelecer lugares fixos e, em dados momentos, são mencionados locais por onde os personagens passam. Vamos por partes: K. caminha por vários lugares em busca de pistas sobre a filha, vai até a USP, as lojas dos informantes, o sobradinho que sua filha morava, a Baixada Fluminense, o Tribunal de Justiça Militar, o presídio, entre outros lugares. Além de K. os outros personagens que narram suas vidas também aparecem em espaços diferentes. Enquanto isso, na obra de Skármeta, identificamos menos espaços, por exemplo, o colégio de Nico (Instituto Nacional), a casa do publicista, a Embaixada Argentina, dentre outros.

Analisando ainda as diferenças das obras, pensemos agora em um lado sentimental, o que cada obra desperta nos leitores. *K. Relato de uma busca* apresenta um final de um ciclo que não se encerrou, o pai não encontra sua filha, nem viva nem morta, sua busca termina porque ele não aguenta mais. No fim, mesmo depois de décadas, Ana ainda recebe correspondências, gerando sentimentos mais sombrios, a angústia, a solidão do pai nessa busca, a sensação de impotência diante de um Estado repressor, configurando uma trama mais dolorosa. Já em *Los Días del Arcoíris* os temas do desaparecimento e morte são apresentados de forma sutil. O leitor sente um ar de esperança na história, um sentimento que tudo vai se resolver, o pai de Nico vai voltar e a campanha do “NÃO” vai vencer. O desfecho nos permite imaginar um futuro melhor para aquela nação, que é realmente o que acontece, pois o desenlace das histórias de Nico e Adrián tem um final feliz.

Além de umas diferenças nas tramas, temos que entender a relação dos autores com suas obras. Bernardo Kucinski é irmão de Ana Rosa, cunhado de Wilson e filho de K. sua relação com a história é sanguínea, fez parte de sua vida e de suas memórias. Já na obra de Antonio Skármeta, a ditadura, os desaparecimentos, a campanha e o plebiscito aconteceram, mas ele narra de uma perspectiva de fora, alguém que viveu à época, porém, não tem relação direta com as pessoas que inspiraram os personagens de sua obra.

Ao falar das duas literaturas como trabalhos de memória conseguimos perceber uma diferença: no livro da ditadura brasileira o autor trabalha não somente as memórias dele como irmão da desaparecida, explora recordações de seu pai, de outras pessoas que também sofreram nesse período. O autor conta a história décadas depois dos acontecimentos, então, ele acessa diversas memórias nessa construção. No romance chileno não ocorre da mesma forma, a narração se passa no presente, as coisas vão acontecendo no cotidiano enquanto as acompanhamos; não existe um processo de recordação dentro da trama, mas sim em sua produção no nível da autoria.

No livro de Skármeta é notório como situações traumáticas ou sentimentais podem interferir na construção de uma recordação. Quase no final, da obra quando Nico encontra com seu pai, o jovem tenta descrever a cena do seu retorno, mas confunde a precisão de como ocorreu, “el profesor Santos aparece tras ella

---

<sup>26</sup> “Agora é segunda-feira. O céu está carregado de nuvens cinzentas e pretas, mas não está chovendo.” (Skármeta, 2011, p.28 tradução nossa).

sosteniendo un cigarrillo entre los labios. No. Lo he contado mal. Primero aparece una bocanada de humo y recién después aparece el profesor Santos con el cigarrillo entre los labios.”<sup>27</sup>(Skármeta, 2011, p.126). Entendemos que houve um processo de seleção de informações para a construção da memória que deixou lacunas. Primeiro Nico narra de uma forma, mas percebe que faltou algo, então acrescenta uma informação na sua descrição.

Por fim, ao fazer essa análise comparativa das duas obras podemos perceber que, embora ambas façam um trabalho de memória da sua ditadura e trabalhem os temas de desaparecidos, mortos e torturados pelos militares, cada uma relata de forma peculiar, uma com mais intensidade outra mais leve, uma apresenta mais os sentimentos de perda e tristeza enquanto a outra obra traz a ideia de esperança. Sendo assim, as duas são fundamentais para a construção de uma consciência coletiva do que se passou, para que não se repita. Além disso, funcionam como símbolo de resistência.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agora, retomando os principais pontos das ditaduras trabalhadas, percebemos que ambas foram marcadas pela destruição da democracia, a extinção dos partidos políticos e a violação dos direitos humanos e civis. Foi um período caracterizado pela extrema violência, censura e assassinatos. Durante os golpes militares diversas formas de resistência ganharam força por parte dos civis, como os protestos, as canções e obras literárias.

Vimos que os países estudados lidam de diferentes formas com a sua pós-ditadura, tornando único o estudo de cada um deles. Os grupos sociais que tomam essa iniciativa de materializar suas memórias tiveram que encontrar medidas alternativas de expressão, tornando cada vez mais forte a presença da literatura, “No hay pausa, no hay descanso, porque la memoria no ha sido «depositada» en ningún lugar; tiene que quedar en las cabezas y corazones de la gente.”<sup>28</sup> (Jelin,2002, p. 69). Kucinski e Skármeta assim como vários outros autores, reviveram seus traumas para poder fazer um trabalho de memória concreto. Suas obras resistem à tentativa de apagamento histórico e lutam contra o silenciamento imposto pelas ditaduras.

O processo de escrita das obras analisadas exige que os autores acessem suas memórias, selecione-as e reorganize-as para representar da melhor forma a história de um povo, tendo em vista que a memória está constantemente mudando. Além disso, escrever sobre os acontecimentos passados é uma espécie de materialização, na tentativa que o tempo não apague. A literatura é uma via de mão dupla. Precisamos dos escritores narrando suas vivências e nós, como leitores e cidadãos brasileiros ou ainda de forma maior, latino-americanos, precisamos desse conhecimento acerca do nosso passado, recente ou não. Nesse aspecto, ressaltamos mais uma vez a importância dos trabalhos de memórias nas literaturas da pós-ditadura.

---

<sup>27</sup> “O professor Santos aparece atrás dela com um cigarro entre os lábios. Não. Conteí errado. Primeiro aparece uma nuvem de fumaça e só depois aparece o professor Santos com o cigarro entre os lábios.” (Skármeta, 2011, p.126, tradução nossa).

<sup>28</sup> “Não há pausa, não há descanso, porque a memória não foi “depositada” em lugar nenhum; tem que permanecer nas cabeças e nos corações das pessoas.” (Jelin, 2002, p. 69, tradução nossa).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Lucas. Capoeira. **Brasil escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/capoeira.htm>. Acesso em: 14 out. 2024.

ALBUQUERQUE, Thays Keylla de. Nos fios da memória latino-americana: narrativas da pós-ditadura na Argentina, no Brasil e no Chile. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

ALESSANDRA, K.; MORAES, G. Pesquisadores alertam que Lei da Anistia ainda é um problema atual. **Agência Câmara Notícias**. Brasília, 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/801270-pesquisadores-alertam-que-lei-da-anistia-ainda-e-um-problema-atual/>. Acesso em: 20 ago. 2024

AMORIM FLOR, M. A.; SILVA, E. B. da. DESAPARECIDOS DURANTE DITADURA MILITAR NO BRASIL NO ROMANCE K. RELATO DE UMA BUSCA, BERNARDO KUCINSKI. **Open Minds International Journal**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 35–42, 2023. DOI: 10.47180/omij.v4i1.194. Disponível em: <https://openmindsjournal.com/openminds/article/view/194>. Acesso em: 14 out. 2024.

Arquivos do regime militar são abertos. **Memorial da democracia**, 2005. Disponível em: <https://memorialdademocracia.com.br/card/aceso-publico-a-arquivos-da-ditadura>. Acesso em: 11 set. 2024.

BALDAN, Édson. Tortura. **Enciclopédia jurídica da PUC-SP**, 2020. Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/424/edicao-1/tortura>. Acesso em: 24 out. 2024.

BARRUCHO, Luis. 50 anos do AI-5: Os números por trás do 'milagre econômico' da ditadura no Brasil. **UOL**, 2018. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2018/12/13/50-anos-do-ai-5-como-era-a-vida-no-milagre-economico-da-ditadura-no-brasil.htm>. Acesso em: 06 out. 2024.

BEZERRA, Juliana. Ditadura Militar no Brasil (1964-1985). **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/ditadura-militar-no-brasil/>. Acesso em: 23 out. 2024.

BEZERRA, Juliana. Músicas da Ditadura Militar. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/musicas-da-ditadura-militar/>. Acesso em: 18 set. 2024.

BULLÉ, Jamille. Há 45 anos, Estádio Nacional do Chile foi palco de prisões e tortura da ditadura chilena. **GE**, 2018. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/ha-45-anos-estadio-nacional-do-chile-foi-palco-de-prisoes-e-tortura-da-ditadura-chilena.ghtml>. Acesso em: 11 set. 2024.

BRANDINO, Luiza. Semana de Arte Moderna de 1922. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/semana-arte-moderna-1922.htm>. Acesso em 17 de outubro de 2024.

BRASIL, Ubiratan. Lygia Fagundes Telles driblou a censura militar no romance 'As Meninas'. **Terra**, 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/lygia-fagundes-telles-driblou-a-censura-militar-no-romance-as-meninas,0c79bb42e9272be262a151294672f4d7yg6nym4j.html>. Acesso em: 16 out. 2024.

CÁDIZ, Pablo. Sentença histórica contra o centro de tortura de mulheres na ditadura de Pinochet. **EL PAIS**, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-11-18/sentenca-historica-contra-o-centro-de-tortura-de-mulheres-na-ditadura-de-pinochet.html>. Acesso em: 15 set. 2024.

CAMPOS, Tiago Soares. "Milagre econômico brasileiro"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiab/milagre-economico-brasileiro.htm>. Acesso em 23 de outubro de 2024.

CARDOSO, Rafael. Canções por justiça: o movimento musical atacado pela ditadura chilena. **Agência Brasil**, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-09/cancoes-por-justica-o-movimento-musical-atacado-pela-ditadura-chilena>. Acesso em: 18 set. 2024.

CARDOSO, Rafael. Chile, 50 anos do golpe: a luta contra um passado mal resolvido. **Agência Brasil**, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-09/chile-50-anos-do-golpe-luta-contra-um-passado-mal-resolvido>. Acesso em: 16 out. 2024.

Ditadura de Pinochet no Chile deixou mais de 40 mil mortes, diz relatório. **G1**, 2011. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/08/novo-relatorio-sobe-para-mais-de-40000-as-vitimas-da-ditadura-de-pinochet.html>. Acesso em: 21 out. 2024.

Entenda a onda de protestos no Chile. **G1**, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/10/20/entenda-a-onda-de-protestos-no-chile.ghtml>. Acesso em: 25 set. 2024.

FERREIRA, Arthur. CONSIDERAÇÕES SOBRE A NARRAÇÃO EM K.: RELATO DE UMA BUSCA, DE BERNARDO KUCINSKI. **REVISTA VERSALETE**, 2020. Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol8-14/13-FERREIRA.-A.-B.-Considerac%CC%A7o%CC%83es-sobre-Kucinski-PRONTO.pdf>. Acesso em: 11 out. 2024.

FILHO, João. 'Na ditadura tudo era melhor'. Entenda a maior fake news da história do Brasil. **Intercept\_Brasil**, 2018. Disponível em:

<https://www.intercept.com.br/2018/09/22/na-ditadura-tudo-era-melhor-entenda-a-maior-fake-news-da-historia-do-brasil/>. Acesso em: 15 set. 2024.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Madrid: Siglo Veintiuno Editores, 2002.

JORQUERA, Álvaro. A 39 años del Caso Degollados. El crimen de los profesores asesinados por luchar contra la dictadura. **La izquierda diario**. Disponível em: <https://www.laizquierdadiario.com/El-crimen-de-los-profesores-asesinados-por-luchar-contra-la-dictadura-252557>. Acesso em: 26 out. 2024.

KUCINSKI, Bernardo. **K. relato de uma busca**. 1ª edição eletrônica. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

KEHL, Maria Rita. A ironia e a dor. (Prefácio) In: KUCINSKY, Bernardo. **Você vai voltar pra mim**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

LANE, K.; BRISA, M. RÉ. Há resistência por toda arte. **LIGA**, 2019. Disponível em: <https://www.liga.ufc.br/single-post/2019/01/01/r%C3%A9-h%C3%A1-resist%C3%Aancia-por-toda-arte>. Acesso em: 15 out. 2024.

LIMA, Isabelly. DOI-CODI: As pesquisas no principal cenário da ditadura militar em São Paulo. **Gov.br**, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/doi-codi-as-pesquisas-no-principal-cenario-da-ditadura-militar-em-sao-paulo>. Acesso em: 24 out. 2024.

MACHADO, Laura. Há meio século, 'As meninas', de Lygia Fagundes Telles. **Revista continente**, 2023. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/268/ha-meio-seculo---as-meninas---de-lygia-fagundes-telles>. Acesso em: 16 out. 2024.

MARTINS, Jéssica. Entenda o que foram os Atos Institucionais. **Politize**, 2024. Disponível em: <https://www.politize.com.br/atos-institucionais/>. Acesso em: 23 out. 2024.

Mortos e desaparecidos políticos. **MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO**. São Paulo. Disponível em: [https://memorialdaresistencia.org.br/classificacao-de-pessoas/mortodesaparecido/page/2/?view\\_mode=table&perpage=12&order=ASC&orderby=date&fetch\\_only\\_meta=&taxquery%5B0%5D%5Btaxonomy%5D=tnc\\_tax\\_85411&taxquery%5B0%5D%5Bterms%5D%5B0%5D=1122&taxquery%5B0%5D%5Bcompare%5D=IN&paged=1&fetch\\_only=thumbnail%2Ccreation\\_date%2Ctitle%2Cdescription](https://memorialdaresistencia.org.br/classificacao-de-pessoas/mortodesaparecido/page/2/?view_mode=table&perpage=12&order=ASC&orderby=date&fetch_only_meta=&taxquery%5B0%5D%5Btaxonomy%5D=tnc_tax_85411&taxquery%5B0%5D%5Bterms%5D%5B0%5D=1122&taxquery%5B0%5D%5Bcompare%5D=IN&paged=1&fetch_only=thumbnail%2Ccreation_date%2Ctitle%2Cdescription). Acesso em: 25 jul. 2024.

Museo de la Memoria y los Derechos Humanos. **Descobriendo Chile**. Disponível em: <https://santiagodochile.com/museo-de-la-memoria-y-los-derechos-humanos/>. Acesso em: 02 out. 2024.

PIMENTEL, Sérvulo. Veleiro 'Esmeralda', famoso por atuação na era Pinochet, vai atracar no Brasil em setembro; Comando da Marinha autorizou visita a Recife e Rio de Janeiro. **Revista Sociedade Militar**, 2023. Disponível em: <https://www.sociedademilitar.com.br/2023/05/navio-utilizado-pela-ditadura-de-pinochet-atraca-no-brasil-conheca-a-historia-sp1.html>. Acesso em: 02 out. 2024.

Plebiscito del 5 de octubre de 1988. **Memoria chilena**. Disponível em: <https://www.memoriachilena.gob.cl/602/w3-article-96594.html>. Acesso em: 24 out. 2024.

PRASHAD, Vijay. O direito de viver em paz. **Brasil de Fato**, 2021. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/03/08/o-direito-de-viver-em-paz>. Acesso em: 11 set. 2024.

RANGEL, Letícia. Luto. **Sabará Hospital Infantil**. São Paulo. Disponível em: <https://www.hospitalinfantilsabara.org.br/sintomas-doencas-tratamentos/luto/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

ROJO, Grínor. Ficção e história em *Los días del arcoíris* de Antonio Skármeta. Disponível em: <https://revistaliteratura.uchile.cl/index.php/RCL/article/view/41251/42798>, Acesso em: 11 out. 2024

SKÁRMETA, Antonio. **Los días del arco iris**. Barcelona: Planeta, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **Los usos de la memoria**. Colección Signos de la memoria. Santiago de Chile: Museo de la Memoria y los Derechos Humanos, 2013.

Victor Jara. **Memórias da ditadura**. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/cultura/victor-jara/>. Acesso em: 24 out. 2024.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, ele me guia e protege todos os dias. Desde que terminei o ensino médio me pergunto quais os planos dele para mim, sempre achei lindo quem cresce sabendo o que quer fazer, “quero ser bombeiro”, já eu, tento me encontrar todos os dias, confesso que não era minha primeira opção de curso, mas o espanhol sempre teve parte de mim, sei que os planos de Deus não são por acaso porque nesses quase cinco anos de curso conheci pessoas incríveis e vivi experiências únicas. Agradeço aos meus colegas de curso e principalmente o grupo fofoca (Keila, Aluska e Priscila) que nunca soltaram minha mão e faziam minhas manhãs e tardes serem mais divertidas, fazer um curso superior é um desafio muito grande, mas esse fardo não foi tão pesado, tive professores que sempre me deram a mão, irei lembrar e falar sobre vocês por onde eu for, meu muito obrigada a Kaio, Alessandro, Thales, Thays, Gilda e Isabela.

Agradeço também a ela que me deu e é minha vida, minha mãe, mesmo não encontrando palavras para expressar meu amor, gratidão e admiração eu sou extremamente grata por tudo que ela já fez por mim, vi uma frase no instagram que dizia “minha mãe sempre me aplaudiu tão alto, que nunca percebi quem não aplaudiu”, ela é essa pessoa, é meu tudo. Agradeço também a minha filha de quatro patas que sempre me deu o buchinho dela para eu coçar, ficava até altas horas sentada do meu lado estudando comigo. A minha família Amorim, aos meus amigos, minha orientadora Thais e coorientadora Gilda que aceitaram esse desafio.